



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de reflexión

2017
Renata Mattos-Avil y Leticia Maria Soares Ferreira
**DA IMPROVISAÇÃO NASCE O SUJEITO: NOTAS SOBRE TRANSMISSÃO E INCORPORAÇÃO
DA LINGUAGEM**

Revista Affectio Societatis, Vol. 14, N.º 26, enero-junio de 2017
Art. # 8 (pp. 152-164)
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

DA IMPROVISAÇÃO NASCE O SUJEITO: NOTAS SOBRE TRANSMISSÃO E INCORPORAÇÃO DA LINGUAGEM

Renata Mattos-Avril¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
renatamattos.rm@gmail.com

Letícia Maria Soares Ferreira²

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
leticiapsico@yahoo.com.br

Resumo

Propomos uma reflexão sobre a improvisação musical que nos remetem a elementos da improvisação musical primordial, aquela que se dá nas origens do sujeito. Endereçamento, voz, invocação e transmissão da linguagem estão aí presentes. A resposta improvisada ao real que é o sujeito passará a se organizar e se modular ritmado pela repetição. Cabe ao trabalho analítico convidar

o sujeito a improvisar para além da repetição sintomática, re-escutando os vestígios de *lalange* que nele insistem musicalmente e escutando o real inesperado que invoca um inédito, um *ainda não ouvido*. Um trabalho que consistiria em ir da associação livre à improvisação livre.

Palavras-chave: música, psicanálise, improvisação, voz, linguagem.

-
- 1 Renata Mattos-Avril – Psicanalista, com pós-doutorado pela Université de Nice Sophia-Antipolis (FR), Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. renatamattos.rm@gmail.com;
 - 2 Letícia Maria Soares Ferreira – Psicanalista, com mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Aplicada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (Minas Gerais, Brasil). leticiapsico@yahoo.com.br.

DE LA IMPROVISACIÓN NACE EL SUJETO: NOTAS SOBRE TRANSMISIÓN E INCORPORACIÓN DEL LENGUAJE

Resumen

Este artículo propone una reflexión sobre la improvisación musical que evoca la improvisación musical primordial, la del origen del sujeto. Redireccionamiento, voz, invocación y transmisión del lenguaje están allí presentes. La respuesta improvisada a lo real del sujeto se organiza y se modula ritmada por la repetición. Compete al trabajo analítico invitar al sujeto a improvisar más allá de la

repetición sintomática, reescuchando los vestigios de *lalangue* que insisten musicalmente en él y escuchando lo real inesperado que invoca lo inédito, lo *aún no escuchado*. Un trabajo que consistiría en ir de la asociación libre a la improvisación libre.

Palabras clave: música, psicoanálisis, improvisación, voz, lenguaje.

THE SUBJECT IS BORN FROM IMPROVISATION: NOTES ON TRANSMISSION AND INCORPORATION OF LANGUAGE

Abstract

This paper proposes a reflection on musical improvisation that evokes the primordial musical improvisation, the one of the origin of the subject. Redirection, voice, invocation and transmission of language are present there. The improvised response to the real of the subject is organized and modulated cadenced by repetition. It falls to the analytic work to invite the subject to impro-

visate beyond the symptomatic repetition, by relistening to the vestiges of *lalangue* that musically insist in him and by listening to the unexpected real that invokes the unknown, the *still-not-heard*. This work would consist on going from free association to free improvisation.

Keywords: music, psychoanalysis, improvisation, voice, language.

LE SUJET NAÎT DE L'IMPROVISATION : NOTES SUR LA TRANSMISSION ET L'INCORPORATION DU LANGAGE.

Résumé

Cet article propose une réflexion sur l'improvisation musicale qui évoque l'improvisation musicale primordiale, celle de l'origine du sujet. Redressement, voix, invocation et transmission du langage sont présents dans ce processus. La réponse improvisée au réel du sujet va s'organiser et se moduler rythmée par la répétition. Il incombe au travail analytique d'inviter le sujet à improviser au-

delà de la répétition symptomatique, en réécoutant ainsi les vestiges de langage qui persistent musicalement chez lui et en écoutant le réel inattendu qui invoque l'inédit, *ce qui n'a pas encore été écouté*. Ce travail consisterait donc à passer de l'association libre à l'improvisation libre.

Mots-clés : musique, psychanalyse, improvisation, voix, langage.

Recibido: 12/04/16 • Aprobado: 25/09/16

Repensar alguns aspectos da metapsicologia freudiana, em especial o conceito repetição, a partir de uma escuta aberta à música e à improvisação musical é o caminho que aqui escolhemos para situar o lugar da pulsão invocante e da voz na constituição e na expressão do sujeito. O improviso propriamente musical depende do conhecimento e do domínio da linguagem e das regras musicais que irão orientar o músico na construção de um material inédito e simultaneamente imprevisível e previsto. O músico lida com o acaso sob um fundo do tecido musical, escolhendo dentre de uma gama de possibilidades sonoras previamente apreendidas e introjetadas (notas, tonalidades, grades musicais, etc.) como exprimir as ideias musicais em um momento efêmero e único. Improvisa-se reorganizando a linguagem, abrindo-se ao *ainda não ouvido*.

Esta dimensão de saber e não saber, de construção com a linguagem face ao inesperado, se mostra propícia a elucidar como a musicalidade terá um papel primordial no *duo* originário mãe-bebê. Propomos portanto uma reflexão sobre importantes questões da improvisação musical, pelo viés dos instrumentos, que nos remetem a elementos da improvisação musical primordial, aquela que se dá nas origens do sujeito, e à dimensão do improviso musical e sonoro como base da palavra na relação mãe-bebê, que articula suas montagens e faz invenções a partir da música do real. O improviso em música tem muito a dizer sobre o que se tece com o resto de real nas tramas da linguagem, na construção do imaginário como causa, entrelaçando simbólico e margeando o real, em um misto de confiança e de surpresa.

Diante do *infans*, a mãe –aquí entendida como função materna, como o primeiro ambiente que acolhe o bebê, nos moldes do *Nebemensch* freudiano– o escutará e, sem saber exatamente o que ele necessita, lhe dará uma resposta, uma interpretação que terá valor de aposta no sujeito que ali pode advir. Endereçamento, invocação, escuta, resposta e transmissão da linguagem. São elementos presentes neste primeiro *duo* de improvisação e que permitirá ao bebê falar de sua própria posição subjetiva. Do improviso a dois, ele passará a ser *um*. Tomamos assim o improviso materno e a resposta do bebê, ambos da ordem de uma improvisação em torno da linguagem e de *lalangue*, como pontos fundamentais para que um sujeito possa emergir. Antes

de poder falar e saber-fazer com a língua, o bebê improvisará, em *duo* e *solo*, balbucios, musicalizações e um saber fazer com *lalangue*, organizando-se em torno do vazio da voz perdida enquanto objeto. A escuta ativa do testemunho que a mãe faz de sua entrada na linguagem e da possibilidade de falar causada pela voz perdida convidam o *infans* a igualmente falar.

Falar é improvisar. Apenas não nos damos conta disso, exceto quando uma centelha do inconsciente ou do real nos escapa, nos ultrapassa, dando espaço para a escuta de uma musicalidade velada e constituinte do sujeito. O improviso cotidiano dá lugar, assim, à escuta dos vestígios do real musicante em nós, que podem deixar transparecer a ação constante da pulsão aliando-se à *lalangue*, tecendo o material maleável da linguagem. Talvez esse “esquecimento” do caráter inesperado da fala e dos atos que dizem de um sujeito seja estruturante para que ele possa advir e, posteriormente, se lançar no risco de tomar a palavra. A primeira resposta do *infans* à invocação do Outro para que ele se constitua é um improviso radical em torno do real musicante da linguagem. A voz materna –mediadora da cacofonia languageira originária, anterior à incorporação da voz– convida à incorporação da linguagem, transmitindo um saber fazer com ela.

No sujeito que está em vias de se constituir, improvisando com o sonoro-musical da linguagem que escuta do Outro pela sonata materna, igualmente improvisada em torno de *lalangue*, os tempos de instauração e de pulsação do circuito pulsional serão os mesmo da incorporação da linguagem? A improvisação do bebê o permitiria a passar do ouvir ao se fazer ouvir, a fala advindo como resposta à perda da voz, que o incitaria a falar e a improvisar de forma desejante? O improviso materno se daria em torno do testemunho da perda da voz e de como o vazio daí decorrente permite fazer com o gozo não mais sendo objeto e sim sujeito?

As primeiras improvisações do bebê promovem pequenas variações e modulações no que nele se inscreve do tempo de ouvir... ouvir a transmissão e a invocação materna. Num jogo sonoro e de júbilo com o seu entorno, ele passa também chamar o outro, constituindo o próprio corpo no ato de ser ouvido. Um diálogo possível se inicia, ainda

contando com a interpretação do outro –à escuta do bebê e de suas respostas– para se manter. Seria um diálogo dual, atrelado ao outro, ainda não em duo, no sentido de duas vozes singulares dialogando. Isto se daria no terceiro tempo, de perda do objeto voz e incorporação da linguagem. Tempo em que improvisar passa a ser um ato múltiplo: em solo, duo, trio, etc., em que o sujeito pode passar a musicar com os outros, como diz Didier-Weill (1999), “no concerto do mundo” (p. 135), ou integrando a “harmonia do mundo”, como bem queria Kepler.

Do tecido da linguagem –e do corte que nele efetuamos para dele nos destacarmos– surge a tessitura do sujeito. E poderíamos mesmo pensar esta tessitura como uma amarração específica entre real, simbólico e imaginário que constitui borromeamente o *parlêtre* como resposta à invocação primordial da voz materna: “advenha!”. Cada sujeito, com sua própria tessitura e tecendo com a linguagem, enodará os três registros que o constituem. Seria interessante perguntar se não haveria, deste modo, uma tessitura histórica, uma tessitura obsessiva, uma tessitura perversa, uma tessitura psicótica e mesmo uma tessitura autista que diriam da forma e do traço pelo qual o sujeito pôde entrar na linguagem ou se organizar em torno dela.

Se pensarmos a musicalidade não apenas como elemento facilitador mas como um meio essencial à amarração borromeana, veremos que ela carrega em si o modo pelo qual ao mesmo tempo se pode nostalgicamente visitar a essência do sujeito e levar à incorporação pela linguagem, ou seja, ela acessa elementos do real, é simbolizante e banha de plasticidade o imaginário. No improviso musical essa relação dupla se apresenta de forma bastante evidente, assim como a linguagem peculiar das mães com seus bebês. Ambos usam o elementar originário, o musical, e alcançam o campo da linguagem. Ambos conectam a dimensão dos significantes a algo que está para além deles e caminham também em movimento de bordejar, dar delimitação ou contorno aos conteúdos de natureza do real.

Entretanto, esta resposta improvisada que a princípio é o sujeito passa a se organizar e se modular ritmado pela repetição. Improvisamos assim sob a forma de variações sobre um mesmo, tal qual a repetição na lógica de *automaton*, marcados por uma lógica regida pelo sintoma, ou

com uma abertura, ainda que efêmera, ao real musical que insiste a nos invocar a criar um novo. Improvisar nas margens da linguagem, com *tiquê*, visando um saber-fazer com o sintoma e a estrutura do sujeito.

Cabe à escuta e ao trabalho analítico convidar o sujeito à improvisar para além da repetição sintomática, re-escutando os vestígios de *lalangue* que nele insistem musicalmente e escutando o real inesperado, por vezes silencioso, que invoca a um inédito e ainda não escutado. Um trabalho utópico que consistiria em ir da associação livre à improvisação livre. Num novo *duo*, desta vez entre analista-analisante, o sujeito teria a ocasião de improvisar para além da repetição sintomática. A fala -improvisado em resposta à uma invocação, endereçada a um outro-, quando se permite uma improvisação livre, em direção a um novo, pode reatar musicalidade e criação, rompendo com uma fala e com atos pautados no sintoma e convidando o sujeito a se recriar em sua tessitura, na direção de um estilo próprio.

Ao tratar da improvisação musical, propondo uma “metapsicologia da barra de mesura” e aproximando improvisação do trabalho analítico, Vinot (2012) recolhe em Freud uma base para tal proposta. Trata-se da seguinte frase, que remete à interpretação freudiana em torno dos três escrínios:

Já fizemos anteriormente uso de uma aplicação da técnica psicanalítica, quando explicamos os três escrínios simbolicamente como três mulheres. Se tivermos a coragem de proceder da mesma maneira, estaremos iniciando um caminho que nos levará primeiro a algo inesperado e incompreensível, mas que talvez, por uma estrada indireta, nos conduzirá a um objetivo (Freud, 1913/1985, p. 69).

Vinot se espanta diante da escolha freudiana do termo “inesperado”, ou imprevisto (*Unvorhergesehene*), afastando-se da ideia igualmente freudiana de um ponto de incompreensível (*Unbegreifliche*) tal qual o umbigo do sonho. De tal espanto, Vinot (2012) propõe a improvisação como via mestra, assim podemos dizer, do ato analítico:

Pois é preciso considerar: o imprevisto, é com isso que trabalhamos no cotidiano. Receber um paciente e tentar se abrir ao que não

estava previsto, é receber o convidado surpresa: o inconsciente. Ou seja, abrir-se ao imprevisto, à surpresa. Mas em que reside esta abertura, este acolhimento da surpresa? É aí que me parece que ao imprevisto deve-se responder com a improvisação. Vemos bem, igualmente, que falar do imprevisto já é indicar que, de um certo modo, a queda da escuta é prever, antecipar, esperar o já conhecido, o re-conhecimento. Falar do imprevisto é bem marcar que algo estava previsto. E já podemos supor que ir contra essa queda da escuta não é uma tarefa simples. A improvisação seria portanto o ato que leva em consideração o surgimento do imprevisto, que vai ao revés do previsto (p. 3).

Concordamos com esta proposição, de improvisarmos na clínica a partir da escuta da musicalidade da linguagem, dando margem para uma re-escuta da improvisação originária do sujeito. Na improvisação musical se combinam elementos quase paradoxais, como uma criação que ajusta a regra à liberdade (potencialidade peculiar de algo puro, sem amarração) e a liberdade à regra. Da mesma forma, a incorporação da linguagem também passa pela necessidade de combinação de algo que antecede o sujeito, que está posto (a linguagem), com aquilo que lhe é próprio, individual e primordial (a essência do real).

Quando improvisamos musicalmente experimentamos o ter a abertura de, dentro de alguns padrões, decidir o que tocar. Tenho a sensação de que nem sempre se escolhe as sonoridades que espontaneamente soarão na improvisação, pois às vezes não se é possível exatamente pensar sobre o como fazer, executar um *modus operandi*, as notas muitas vezes simplesmente surgem, sem muita ou qualquer explicação. Improvisação livre faz lembrar associação livre, o que nos remete às questões do inconsciente. Diante disso, a improvisação parece ser uma indeterminação que se abre à intenção, um conhecimento incompleto que conta com o acaso e uma imprevisibilidade cercada por probabilidades.

Segundo Costa (2009), a música improvisada envolve necessariamente uma ação e existe apenas na performance em que o músico é “criador ativo e intérprete de seu próprio discurso apesar das limitações mais ou menos rígidas impostas pelos sistemas que contam com toda uma gramaticalidade que molda as possibilidades do jogo”

(p. 88). Ele ressalta também que o músico manifesta nessa ação, através de seu corpo, sua vontade de potência. “Só improvisa quem está motivado, quem deseja” (Costa, 2009, p. 88). Desta forma o músico parte do infinito, a partir de forças informes, afetos e intensidades, e delinea um finito, dá um contorno. Assim, “afasta a ideia de caos criando blocos de sensação significativos” (Costa, 2009, p. 89) e muitas formas de atualização podem ocorrer, ao mesmo tempo que existe um grande risco de se deparar com o nada indiferenciado.

Pensamos, então, sobre a improvisação musical presente na fala da mãe, e o que a mesma pode transmitir. Nela está envolvida a estrutura da linguagem somada ao que lhe é peculiar, interno e inconsciente. Por meio dessa improvisação algo a mais, para além dos significados, é passado de sujeito mãe a sujeito filho. Vale lembrar que cada mãe criativamente encontra o seu jeito de se comunicar com seu bebê. Considerando seus aspectos inconscientes, não existe um *manhês* para todas as mães, mas ele é uma invenção individual e singular.

Parece possível pensar em *lalangue* transmitida pela música da fala. É o algo a mais da música da fala do Outro que permite o algo a mais necessário à estruturação do sujeito. Quando o Outro primordial pela presença da mãe se apresenta na sua fala carregada de elementos musicais, são esses últimos que se encarregam da comunicação do que não se pode representar pelas palavras, e é justamente isso que invoca a criança e a apresenta o furo do Outro, que nem tudo consegue dizer. O bebê, assim, se permite falar, sabendo que não se verá livre de tudo de sua essência. O algo a mais do filho, irrepresentável, de alguma forma se remete e depende de um algo a mais da mãe, que inicialmente se coloca sob a forma musical também não representada. A capacidade de improvisar musicalmente na fala demonstra a possibilidade de a mãe improvisar e dar outras saídas para os seus furos. O estatuto de sujeito apenas se dá quando se alcança essa forma desejante, possível pela acesso à falta, transmitida musicalmente diante da impotência da palavra e da falta do Outro.

Esse algo a mais não é estruturado, é disforme, imprevisível, irrepresentável e aparece apenas na condição de improvisado do Outro, também de forma improvisada parece ser recebido pelo sujeito. O

que se transmite na incorporação do sujeito pela linguagem não é mera repetição, não é reprodução ou aprendizagem. Repete-se as palavras, mas cada uma delas tomará um lugar de significante diferente para cada sujeito, levando em consideração que cada um improvisará musicalmente na fala à sua maneira a partir do seu encontro com a linguagem.

O que há de musical na transmissão da letra é o que denuncia que existe um mais além, um não dito pelas palavras, e é pela improvisação musical da fala do Outro que se pode ser inaugurada essa possibilidade de “condição submersa”. A mãe, com sua entonação que declara um algo que permanece para além das palavras apresentadas, coloca à criança a possibilidade de fazer uso desse recurso para que se permita a submissão à linguagem sem que nem tudo do vivido nos primórdios do sujeito se veja perdido. É pela fala musicada e improvisada da mãe que a criança atesta um saber fazer impensável com o “real-musical-primordial”.

A improvisação é um saber fazer, sem saber fazer, pois tem-se bases fundamentais para improvisar, mas não se segue determinação alguma para improvisar, contando com o desejo do improvisador. Para que o sujeito consiga criar na incerteza do improviso ele precisa de um contato a priori com os significantes, que na ordem musical seriam as teorias, o uso possível das notas, os ritmos e na ordem da linguagem, as palavras. Assim também, a mãe precisa saber falar e utilizar das nuances melódicas para se arriscar a improvisar na sua fala maternante, no manhês. A familiaridade que ela tem com os elementos da linguagem e com os da ordem musical é o que possibilita as criações de suas atuações diante do bebê.

O intuito da mãe em apresentar ao filho o universo do Outro e o desejo que ela tem dele mobilizam essas ações, sem que as suas criações improvisadas, exageradas e loucas, sejam julgadas e se vejam intimidadas. Nesta função a mãe acessa o que se aproxima de primário e primordial dela enquanto sujeito, e do que servirá de recurso para a estruturação do filho também enquanto sujeito. É por já transitar entre linguagem e musicalidade, entre simbólico e real, que a mãe se permite musicar na invocação ao bebê, podendo retornar à

estrutura da palavra e do sentido, sem se perder. Lembrando Deleuze, a partir de Costa (2009): “só é possível desterritorializar a partir de territórios estabelecidos” (p. 89).

Só se pode improvisar, criar e construir acerca dos significantes aquele que pode representar, já tendo sido falado e representado pelo Outro. Não se pode falar nem representar sem antes ter sido banhado pelos significantes. A representação da coisa se soma à representação da palavra pela intervenção do Outro. Quem fala a partir do segundo ponto não abandona o primeiro. Assim, para criar sobre a representação coisa precisa-se acessar a representação palavra, em uma tentativa de transformar o imposto pelo recalque. É por isso que, inicialmente, quem improvisa é a mãe, e a criança se constrói diante da improvisação da mãe, enquanto desdobramento dos significantes já contemplados por ela. Seria uma nova escuta do que foi transmitido pelo saber-fazer com *lalangue* que a voz materna testemunha, deixando traços musicantes no sujeito. Porém, este improviso materno se constrói com base na escuta do sonoro e do potencial musicante do bebê. Trata-se de uma oposta que a mãe faz, que o seu filho será um sujeito, podendo criar na música do mundo. A sonata materna, assim, escuta o jogo originário do *infans* com *lalangue*, construindo-se dela e simultaneamente a construindo. A mãe, ao improvisar com o bebê, o invocará a improvisação deste numa espécie de duo em torno da voz. Para que ela seja perdida, dando lugar à palavra, ao desejo e temporalidade tríplice e aberta da pulsão em seu circuito invocante.

Ao *escutar* o bebê, a mãe improvisa entrelaçando sonoro, musical, fala, gozo e desejo. Ela responde ao bebê, que poderá igualmente *escutar* a voz desta e, respondendo-a, percorrer o tempo do *ser escutado*. O duo avança para um novo desafio, um novo improviso, tramando com o que se inscreve da linguagem, forçando uma escolha por um dizer. Um terceiro tempo se inaugura e, sem saber, improvisando com o que insiste exigindo ser simbolizado, um sujeito passa a buscar, inconscientemente, *se fazer escutar*.

A improvisação é fundadora do sujeito. No que concerne a improvisação materna, Vives (2014) afirma que:

Somente uma mãe capaz de improvisar em diálogo estreito com seu bebê, e se revelando igualmente artista, pode dar a possibilidade ao *infans*, se ele igualmente faz esta escolha, de entrar na ordem simbólica e se inscrever no campo da palavra e da linguagem. É preciso entretanto que a mãe possa “se autorizar” (que podemos escutar como “se autorizar a”) a interpretar no prazer e no espanto as manifestações do bebê. (...) O espanto e o prazer fazem com que a interpretação dada pela mãe ao bebê quanto às suas manifestações conserve sempre uma dimensão de abertura (as inúmeras questões o são testemunho) permitindo à criança sair do lugar de objeto para ocupar o lugar de sujeito suposto, tomando a palavra e seu lugar no concerto das vozes do mundo.

O imprevisível do encontro entre mãe e bebê transforma-se em improviso, de um, de dois e de um novo. E isso em torno de um vazio, de um não saber.

Então, improvisar é o saber fazer com o que já se sabe e, ao mesmo tempo, um saber fazer com o que não se sabe. Improvisar é saber fazer com o que não se sabe usando o que se sabe. É usar a voz que se pode escutar dizendo sobre a voz que não se pode ouvir. Improvisar é se articular, é se virar com o perder, sem se deixar perder. Fazemos portanto a hipótese de que os sons improvisados na música ou na fala fazem *semblant* ao objeto *a* que se perdeu. Os sons deixam de ser substância puramente gozosa e são transformados em significantes, mas apenas até um certo ponto, pois fica algo sem ganhar nome. O Outro é inconsistente e falha, se mostra faltoso e deixa algo de fora, inaugurando a castração e com ela o sujeito.

Improvisar é o próprio desafio do sujeito conciliador. Em uma tentativa contínua ele busca sentido para os sons, organiza-os de forma a alcançar alguma representação, ou conexão com o já executado ou falado, tenta fazer cadeia com as sonoridades. Ele precisa encaixar os elementos de forma a construir algo, do ponto de vista do próprio improvisador e do receptor da improvisação, aquele que também improvisa.

Seria a improvisação um caminho para a composição? Às vezes, é pela criação que se produz algo que por se remeter à força pulsio-

nal incessante é repetido e tomado como significante. Invertendo um pouco a ordem da proposição freudiana pensaria em: elaborar (improvisar), recordar e repetir. Para, a partir daí, do repetir, poder criar e novamente improvisar.

A improvisação na música faz um reavivamento da improvisação musicada na incorporação da linguagem passando da repetição do mesmo à repetição do diferente, à criação, assim, de um novo se utilizando da dimensão criacionista da pulsão. Mais que isso, seria um rearranjo desses traços musicais, que improvisariam um inesperado tendo como base o já conhecido. Há musicalidade na repetição que, ouvindo a invocação da voz, pode fazer novo com as mesmas notas...

Bibliografía

- Costa, R. L. M. (2009). A ideia de jogo em obras de John Cage e no ambiente da livre improvisação. *Per Musi*, (19), 83-90. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pm/n19/a09n19.pdf>
- Didier-Weill, A. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Freud, S. (1913/1985). Le motif du choix des coffrets. En *L'inquiétant étranger et autres essais* (61-82). Paris: Gallimard.
- Vinot, F. (2012). Métapsychologie de la barre de mesure. *Oxymoron*, 3. Recuperado de: <http://revel.unice.fr/oxymoron/index.html?id=3328>
- Vives, J.-M. (2014). *De l'improvisation maternelle*. Inédito.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article /

Para citar este artigo (APA):

Mattos-Avril, Renata, Soares Ferreira, Leticia - Maria. (2017). Da improvisação nasce o sujeito: Notas sobre transmissão e incorporação da linguagem. *Revista Affectio Societatis*, 14(26), 152-164. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>